

No mar, uma estreia com pé direito



Polinésia Francesa.
O país reúne algumas das últimas colônias da França na Oceania

SURFE NO TAITI TRAZ A MEMÓRIA DO COLONIALISMO

No centro das atenções, França tem passado e presente imperialistas discutidos por causa dos Jogos; obras causaram revolta

CARLOS MASSARI E AURÉLIO ARAÚJO*

Quando Paris recebeu os Jogos Olímpicos pela última vez, há 100 anos, a França era um país bem maior, com colônias pelo mundo, territórios que, em sua maioria, viam a se tornar independentes após a Segunda Guerra Mundial. Idealizador das Olimpíadas modernas, o pedagogo parisiense Pierre de Coubertin era um autodeclarado "colonialista fanático". Não à toa, em vez de celebrado, tem sido relativamente escondido pelo Comitê Olímpico Internacional nos Jogos de 2024, mesmo em sua terra natal.

Em 1912, Coubertin chegou a afirmar que o esporte e o colonialismo eram "companheiros naturais", já que o esporte era um "vigoroso instrumento de disciplina" para os povos colonizados. "As raças têm valores diferentes, e a raça branca, de essência superior, deve ser reverenciada pelas demais", escreveu ele em suas memórias, preservadas pelo COI.

Para os organizadores, o problema não são as visões dele, que seriam justificáveis pelos valores do passado. O que preocupa é o presente: a França ainda tem resquícios do seu império colonial espalhados pelo globo, e eles estão sendo discutidos por causa das Olimpíadas.

Esporte olímpico desde Tóquio, o surfe não poderia ser disputado em Paris, cidade sem mar. A solução foi alocar a modalidade a 16 mil quilômetros dali, em Teahupo'o, no Taiti. Como parte das ilhas que compõem a Polinésia Francesa, na Oceania, o Taiti está acostumado a receber grandes provas de surfe. Mas houve resistência por parte dos locais devido às obras de infraestrutura realizadas.

O maior problema foi a construção de uma torre de alumínio para os jurados, substituindo a construção de madeira usada normalmente. Taitianos organizaram protestos pacíficos e até criaram um manifesto, assinado por mais de 250 mil pessoas, mas não adiantou.

As obras danificaram os recifes de corais, que abrigam milhares de espécies marinhas. Essa riqueza natural foi prejudicada para um evento que deve durar apenas cinco dias.

Para além da questão ecológica, existe o aspecto religioso. "Os taitianos estão sendo ofendidos pela falta de respeito pelo nosso lugar sagrado", disse a surfista Vahiné Fierro. "É o nosso templo. É uma crença espiritual, a encarnação viva da nossa herança e a terra dos nossos ancestrais."

Nascida e criada na Polinésia Francesa, Fierro competirá pela França, assim como seu colega do surfe masculino, Kauli Vaast.

RESTAM POUCAS COLÔNIAS

Se a França colonial chegou a ter 13 milhões de quilômetros quadrados, hoje as poucas colônias que restaram colocam na balança os possíveis benefícios de uma independência. Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa, nas Américas, as Ilhas de Reunião e Mayotte, na África, a Polinésia Francesa e a Nova Caledônia, na Oceania, são as maiores que restaram.

A Martinica recentemente trocou sua bandeira, antes desenhada pelos colonizadores, por uma que representa seu próprio povo. Tanto ela quanto Guiana Francesa e Guadalupe rejeitaram a independência

em referendos recentes, mas pressionam por mais autonomia.

Na Nova Caledônia, 2024 é marcado por uma grande revolta: protestos varreram as ruas contra uma mudança nas leis eleitorais. A população nativa afirma ainda que o último referendo por independência, boicotado pelos nacionalistas durante a pandemia de Covid-19, foi inválido, e pedem um novo. O caos foi tamanho que a seleção de futebol local precisou abandonar a disputa da Copa das Nações da Oceania, e o presidente francês, Emmanuel Macron, em pessoa se deslocou até lá para tentar acalmar os ânimos.

A Polinésia Francesa, cuja população é 69% taitiana, tem a maior autonomia das colônias francesas atuais, com o status único de região ultramarina. Depende da França para alguns assuntos, mas tem leis próprias e até um presidente. Atualmente no cargo, Moetai Brotherson afirmou que não teme a independência, mas "não há por que ter pressa".

É impossível separar o esporte francês da história colonialista. A vitoriosa seleção de futebol da França, sempre que joga, relembra: seus jogadores, em maioria negros, são vítimas de racismo e xenofobia tanto pela extrema-direita local (contra qual lutaram na recente eleição parlamentar), quanto mundo afora, como mostram os recentes cantos dos futebolistas argentinos.

A França vive um momento de repensar seu olhar para o que restou de seu império, e o esporte é uma chave para entender a questão. Teddy Riner e Marie-José Pérec, que acenderam a tocha olímpica na cerimônia de abertura, são dois guadalupenses. Caso Vahiné Fierro vença em casa, ela terá ainda mais voz para falar sobre sua cultura. Será mais uma heroína do esporte francês que vem de uma colônia.

* Além da Olimpíada é produzido pela equipe do *Copa Além da Copa*, um podcast e projeto independente que mistura os assuntos do esporte com política, cultura, história e sociedade

MEDINA E JOÃO CHIANCA AVANÇAM

Apontado como um dos favoritos ao ouro em Teahupo'o, Gabriel Medina estreou na Olimpíada sem sustos e avançou às oitavas de final ao superar o japonês Connor O'Leary e o salvadoreno Bryan Perez na primeira fase. A estratégia, disse o tricampeño mundial, foi não se desgastar. — Consegui duas ondas boas no começo e fui mais controlando a bateria. O surfe também é feito disso — afirmou ele que, nas ondas do Taiti, tem como pior resultado um

terceiro lugar desde 2014. Quem também passou para as oitavas foi João Chianca, o Chumbinho. Em uma bateria mais apertada, ele superou o marroquino Ramzi Boukham e o neozelandês Billy Starmans. Já Filippe Toledo não teve a mesma sorte dos compatriotas. Ficou em segundo em uma bateria vencida pelo peruano Alonso Correa e que contou também com o japonês Kanoa Igarashi. Com isso, ele terá que disputar a repescagem.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Esportes Pagina: 8